

LUIZ RUFFATO

# O verão tardio



COMPANHIA DAS LETRAS

TERÇA-FEIRA, 3 DE MARÇO

Os pés arrastam-me através de um imenso deserto. O amarelo da areia, o amarelo do sol, a vista turva, sinto sede, no horizonte, dunas após dunas, o céu sem nenhuma nuvem. Então, percebo, no fundo de uma depressão, algo como uma poça azul. Sem forças, deixo-me rolar pirambeira abaixo. Debruço na água e quando levo a mão para molhar os lábios a poça torna-se areia movediça e traga meu corpo magro e seco. Tento gritar, mas a voz permanece aprisionada. Busco agarrar à borda, sem sucesso. Pouco a pouco, afundo. Num último esforço, ergo os braços, e ouço, ao longe, ruídos. Em desespero, procuro manter a cabeça à tona, e agora mais perto distingo, “Senhor! Senhor!”, alguém me chacoalha. Transpirando, arregalo os olhos e por trás das lentes vejo o rosto assustado de um rapaz de uniforme, ranço de cigarro, “Como o senhor está?”. E, dirigindo-se a alguém, logo atrás dele, “Está voltando, pelo menos”. Encontro-me sentado na poltrona de um ônibus. Lá fora, a minúscula rodoviária de Cataguases, a mesma desde a minha infância. Pessoas abraçam-se na plataforma, passarinhos chilreiam nas árvores, da televisão

escorrem notícias, o cheiro de óleo diesel se mistura à morrinha do ar condicionado. Miro o rapaz de uniforme, “Não foi nada, estou bem, obrigado”, e esforço para levantar. “Quer uma ajuda?”, ele pergunta. “Não, não precisa”, respondo, “Estou bem”. Num empuxo, consigo me pôr de pé, e, amparando-me, esquadrinho o bagageiro, percebo a mochila em suas mãos. Ele cede a passagem. As pernas titubeiam no corredor estreito, alcanço a escada e desço com dificuldade, defrontando uma pequena aglomeração que espia curiosa. O rapaz me entrega a mochila; o motorista que o acompanhava exclama, apressado mas procurando mostrar-se cordial, “Que susto!”, entra novamente no ônibus, cerra a porta e dá a ré. Devagar, o grupo se dispersa. Penetro no pequeno salão, onde se localizam os guichês de venda de passagens e transeuntes aguardam os horários de partida e chegada, desabo no banco de madeira. A meu lado, a velha banguela, parecendo um pintinho despenado, encara-me, espantada. A testa, os pés e o sovaco encharcados de suor. Uma mulher, lenço na cabeça, esfrega um pano molhado no piso de cerâmica vermelha. Limpo os óculos na fralda da camisa. O relógio na parede marca oito e meia. O ar quente da manhã enche meus pulmões e súbito me sinto melhor. Levanto, tomo um longo gole de água gelada no bebedouro, atravesso a catraca livre do banheiro e urino com prazer no bojo recém-desinfetado. Lavo as mãos e o rosto. Do lado de fora, na calçada imunda, cruzo devagar por uma loja de doces e biscoitos, outra de quinquilharias, outra de vitaminas e salgadinhos, e, por fim, entro num botequim, cômodo estreito e escuro que delimita o prédio. O rádio ligado na estação local, volume alto, abafa o barulho da água escorrendo na pia, onde, de costas, avisto um vulto enorme. “Bom dia”, falo, e ouço um resmungo. “Um café com leite e um pão com manteiga, por favor.” O homem fecha a torneira, enxuga as mãos no avental encardido, deposita sobre o balcão sebento um açucarei-

ro de plástico semitransparente e um pires de aço inoxidável. Enfia o braço peludo num saco pardo e retira um pão, que corta ao meio, lambuzando as metades com uma fina camada de margarina. Em seguida, acolchoa-as em um cestinho de plástico, imitando palha, e indaga: “Branco ou preto?”. Algo neste homem de cabelos longos, sujos e gordurosos, rosto espetado por fios de barba grisalha, barriga estufando os botões da camisa, calças deslizando pernas abaixo, desperta-me recordações. “Branco ou preto?”, ele repete. Sem compreender, pergunto, “Como?”. Impaciente, ele diz, “O café com leite: branco ou preto?”. “Ah, branco.” Ele despeja uma pequena parte de café e completa o restante com leite, mergulha a comprida colher de alumínio no líquido fumegante e põe o copo americano sobre o pires. Sim! Fomos contemporâneos no grupo escolar... Alcides... Alcides Animal, como o chamávamos, pois além de muito forte — já era gordo, na época — revelou-se extremamente cruel, não só conosco, seus colegas, em quem batia com regularidade, mas com tudo que se movesse: matava passarinhos com atiradeira, afogava filhotinhos de gato, e chegou mesmo, certa feita, a empapar uma égua com gasolina e pôr fogo. Mesmo as professoras demonstravam medo, É o capeta, persignavam-se. Ele tornara à pia. “Desculpe incomodar, mas você não é o Alcides? Eu acho que lembro de você da época do.” Ele se volta, colérico, os olhos injetados, apoia-se no balcão, espantando os mosquitos, e grita, interrompendo-me: “Que papo é esse, cara?! Não vem com conversinha fiada, não! Você me conhece? Foda-se! Eu não te conheço! E nem quero conhecer, entendeu? Toma seu café quietinho aí e dá o fora!”. Seu hálito azedo embaça meu rosto. As pernas vacilam, lábios descorados, a cabeça zonza. Ele aumenta ainda mais o volume do rádio, que toca música sertaneja, e irritado finge distrair-se contando e recontando a fêria do dia anterior, poucas notas esmolambentas, punhado de moedas pe-